

José Régio:

cântico sem tempo

Org.
Barbara GORI
Enrico MARTINES
Dionísio VILA MAIOR

CER

CENTRO de ESTUDOS REGIANOS

José Régio:

cântico sem tempo

Org.
Barbara GORI
Enrico MARTINES
Dionísio VILA MAIOR

CER

CENTRO de ESTUDOS REGIANOS

FICHA TÉCNICA

Título

José Régio: cântico sem tempo

Organizadores

Barbara Gori
Enrico Martines
Dionísio Vila Maior

Editor

Centro de Estudos Regianos

Capa e Execução Gráfica

Da responsabilidade dos organizadores

ISBN

978-989-33-1982-6

Índice

Textos introdutórios.....	7
"Se sempre, para mim, me continuas vivo" Enrico Martines	7
Outra vez Régio em Itália, vinte anos depois Barbara Gori	9
Régio pervive... Dionísio Vila Maior.....	11
Conferência de abertura Eugénio Lisboa	17
Simpáticos retratos de raparigas: o olhar masculino em <i>Histórias de mulheres</i> Luigia De Crescenzo	19
«Passaste por mim um dia». O êxtase dum amor ao penúltimo olhar Giorgio de Marchis	35
“Davam Grandes Passeios aos Domingos...”: desmistificação do Complexo de Cinderela a partir da evolução de Rosa Maria Gabriela Iurcev	47
A evolução da auto-interpretação: o dossier genético da <i>Introdução a uma obra</i> Enrico Martines	75
Representações do eu em <i>Confissão dum homem religioso</i> e outros textos de José Régio Paula Morão	101
<i>Biografia</i> : uma obra “naturalmente em suspenso...” Olhar transversal sobre um processo genético com 40 anos Isabel Cadete Novais	123
Quem é Henrique Dordio no ciclo romanesco <i>A Velha Casa?</i> O individual e o social na vertente política da obra Manuel José Matos Nunes	139
Da genialidade dialogal (a correspondência entre José Régio e Eugénio Lisboa) Isabel Ponce de Leão	153
O Sagrado e o Profano no Teatro de José Régio (uma leitura plural) Maria João Reynaud	165
Régio: um (auto)retrato em construção Eunice Ribeiro	179
Régio: inscrições Annabela Rita	197

Régio pervive... | Dionísio Vila Maior

Pretende o presente volume, acima de tudo, homenagear José Régio (1901-1969). Autor de *Poemas de Deus e do Diabo*, questionador *da e pela* literatura e colaborador em revistas como *Bysancio*, *Tríptico* (marcadas estas ainda por figurações decadentistas, simbolistas e neo-lusitanistas, mas também por tendências próximas da atitude vanguardista), ou *Presença* (variavelmente rubricada por um acentuado anti-academismo, pela denúncia da desnacionalização da literatura portuguesa, pela recuperação nacionalista da tradição, por uma evidente dimensão pedagógica [impondo, até, uma disciplina que faltara, por exemplo, ao *Orpheu*] e pela interrogação pluridiscursiva feita ao papel da crítica literária), Régio acreditou (como o disse em “Literatura Viva” e em “Literatura livresca e literatura viva”, dois dos textos programáticos mais importantes da geração presencista) na “originalidade”, na sinceridade “intelectual”, na “vitalidade da Arte”, e na necessidade de a Literatura não se afastar da “preocupação de ordem política, religiosa, patriótica, social, ética”. É este José Régio, crítico e ensaísta, romancista, novelista, contista, poeta, dramaturgo, memorialista, desenhador, pintor, que aqui pretendemos aqui homenagear – procurando, deste modo, os organizadores deste volume contribuir para a pervivência daquele que é por muitos considerado como um dos mais representativos escritores portugueses.

O volume começa com o contributo (em vídeo) de um especialista ímpar na obra de Régio: Eugénio Lisboa – descrito por Régio em 1954 como “um dos rapazes mais inteligentes que em toda a minha vida tenho conhecido”, e com provas dadas de autenticidade, exigência, coerência, frontalidade e sabedoria na relação de amizade e profunda admiração por Régio. Foi autor, entre outras obras, de *José Régio: antologia* (1957), *José Régio: a obra e o homem* (1976), *José Régio, uma literatura viva* (1978), *José Régio ou a confissão relutante* (1988), *Ler José Régio* (2010), etc.; foi autor de diversos artigos em jornais e revistas científicas sobre Régio; foi diretor do *Boletim do Centro de*

Estudos Regianos, da coleção *Obras Escolhidas de José Régio* (Círculo de Leitores) e da *Obra Completa de José Régio* (IN-CM). Os seus ensaios sobre José Régio revestem-se de um valor excecional: mostram a sua vocação pedagógica, que não professoral, e oferecem abordagens únicas à obra regiana, aqui merecedora da nossa homenagem.

Depois, são reunidos onze contributos de professores e investigadores (organizados por ordem alfabética do apelido) que se têm dedicado ao estudo da sua obra – contributos esses que, de um modo geral, privilegiam essencialmente a produção narrativa, lírica, dramática, epistolográfica, memorialista, plástica e crítica de Régio. Luígia DE CRESCENZO – com o texto *Simpáticos retratos de raparigas: o olhar masculino em Histórias de mulheres* – reflete sobre essa coletânea de novelas e contos de Régio, variavelmente representando universos ficcionais dominados pela personagem feminina, e onde variavelmente também nos encontramos com a relativização, por parte do narrador, da perspectiva masculina (então fortemente falocêntrica), antes mostrando este uma “simpatia” para com a ampla galeria de personagens femininas. Nesse sentido, a Autora seleciona e estuda um conjunto de episódios narrativos e procedimentos técnico-narrativos que, pelo campo ficcional, não só vão revelando esse “sentir junto com” do narrador regiano para com as diversas personagens femininas, mas também vão “refletindo” o olhar masculino fortemente patriarcal por parte da sociedade portuguesa dos anos 30 e 40. Entretanto, Giorgio DE MARCHIS – com o texto «*Passaste por mim um dia*». *O êxtase dum amor ao penúltimo olhar* – leva a cabo uma reflexão, suportada por uma visão dialógica, sobre um motivo baudelairiano do amor numa metrópole (presente no soneto XCIII das *Flores do Mal*, que o poeta francês dedica *À une passante*), apreciando a receção e a presença desse motivo na poesia portuguesa (lembra a sua presença, por exemplo, no *outro eu* Carlos Fradique Mendes, em Cesário, ou em Sá-Carneiro) e em José Régio, nomeadamente do seu *Novo Soneto de Amor*. Já Gabriela IURCEV – com o texto “*Davam Grandes Passeios aos Domingos...*”: *desmistificação do Complexo de Cinderela a*

partir da evolução de Rosa Maria – apresenta uma análise comparativa entre a novela *Davam Grandes Passeios aos Domingos...* e as diversas versões da figura de “Cinderela” (especialmente a de Charles Perrault), destacando semelhanças e elementos próprios do conto de fadas no texto de Régio. Nessa direção aponta a Autora, que, entretanto, analisa as consequências do “Complexo de Cinderela” na vida da personagem Rosa Maria e a libertação que a rutura de tal complexo implica na sua evolução não só como personagem, mas, sobretudo, como mulher. Por seu lado, Enrico MARTINES – com o texto *A evolução da auto-interpretação: o dossier genético da Introdução a uma obra* – apresenta o que tem sido o seu contínuo, metucioso e rigoroso trabalho de crítica genética, centrando-se, neste caso (e tendo como base de trabalho o acervo documental pertencente à Câmara Municipal de Vila do Conde e a coleção reunida por Alberto de Serpa, conservada na Biblioteca Pública Municipal do Porto), no estudo autocrítico de José Régio que acompanha a publicação de *Poemas de Deus e do Diabo*, desde a sua 1ª redação (em 1943) até à 7ª edição (de 1969) – estudo esse sujeito a imensas alterações ao longo do tempo e que, como destaca o Autor, se configura como um «texto fundamental para a interpretação da obra regiana». Paula MORÃO – com o texto *Representações do eu em Confissão dum homem religioso e outros textos de José Régio* – desenvolve uma reflexão sobre a representação do *eu* em diversos textos de José Régio, tendo sobretudo (mas não só) em conta esse “híbrido” livro, ancorando a Autora a sua visão em problemas como a busca de si mesmo pelo sujeito, a alteridade, ou a consciência do *fazer* literário, mas de igual modo realçando o sinal dialógico patente neste “anjo-demónio”, no “diálogo” com, entre outros, Rousseau, Camões, Pessoa, Nobre, Pessanha, Mário de Sá-Carneiro, Tomás de Kempis, Nietzsche, Shakespeare e Garrett. Isabel Cadete NOVAIS, por sua vez – com o texto *Biografia: uma obra “naturalmente em suspenso...” Olhar transversal sobre um processo genético com 40 anos* –, incide a sua atenção em *Biografia*, segundo volume de poesia de José Régio, publicado em 1929 em Coimbra, obra que, segundo a Autora, deve (sem

perder as suas características temporais, nem a unidade do seu sentido íntimo) considerar-se uma obra aberta («*uma obra naturalmente em suspenso*») e na qual o poeta Régio não só corporiza, na forma clássica de soneto, as suas experiências poéticas da década de vinte (seguindo os passos de Nobre, Pessanha e Sá-Carneiro), como concilia o modelo clássico da composição do soneto com a sensibilidade moderna. No que concerne à relação entre ficcional e referencial, temos o contributo de Manuel José Matos NUNES, que – com o texto *Quem é Henrique Dordio no ciclo romanesco A Velha Casa? O individual e o social na vertente política da obra* – aborda, entre outros pontos, alguns traços autobiográficos presentes naquele ciclo romanesco, escrito ao longo de 35 anos, composto de cinco volumes, e onde o ideário regiano sobre sociedade e política pontual (i)mediatamente vai emergindo. Na esteira desse raciocínio, avança alguns apontamentos sobre a personagem Henrique Dordio, «intelectual, espírito brilhante e com obra publicada que [...] parece ter conhecido *in loco* as experiências revolucionárias operadas na Rússia», interrogando-se Matos Nunes sobre o posicionamento ficcional ou referencial da personagem. No que à epistolografia regiana diz respeito, temos o texto de Isabel PONCE DE LEÃO – *Da genialidade dialogal (a correspondência entre José Régio e Eugénio Lisboa)* –, aí se concentrando a Autora na correspondência trocada, entre 1955 e 1969, entre Régio e um dos seus estudiosos mais destacados e frutíferos, Eugénio Lisboa – correspondência essa que nos revela todo um percurso construído em profunda cumplicidade literária (e pessoal). É essa correspondência, como diz Ponce de Leão, um «fertilíssimo passeio pela amizade, pelas letras e pelas artes, sobretudo lusófonas», trocada entre «dois vultos das letras e da cultura que se admiram e respeitam sem que, por tal, a convergência de pontos de vista seja uma constante, estando sempre abertos a novas e recíprocas aprendizagens». Por seu turno, Maria João REYNAUD – com o texto *O Sagrado e o Profano no Teatro de José Régio (uma leitura plural)* – incide a sua atenção sobre a produção dramaturgica regiana (produção aquela onde também se concretiza o cruzamento de «antinomias»

que configuram a narrativa e a poesia), nomeadamente sobre a peça *Benilde ou a Virgem-Mãe*, onde a problemática da “verdade” deve ser encarada como um eixo vertebral, superando, até, “a importância que nela adquire a antinomia entre *razão* e *fé*”. Procura, assim, justificar a Autora de que modo esta peça «confirma a importância do seu contributo para a renovação da dramaturgia portuguesa novecentista». Eunice RIBEIRO – com o texto *Régio: um (auto)retrato em construção* – aborda de igual modo o problema da “representação do autor na sua obra”, reconhecendo-se nessa sua visão as virtualidades hermenêuticas decorrentes da reflexão sobre a “autofiguração” estética, plástica, poética, literária, com que (também) podemos encarar a obra de José Régio. Para além disso – e indissociável do reconhecimento dessa (auto)figuração, mais ou menos explícita, mais ou menos implícita, no Texto regiano –, a Autora reenvia-nos para uma contextura de dominantes específicas assentes em questões técnico-compositivas (e em parte ideológicas), extensíveis a toda a obra poética regiana, ainda que com especial incidência em *Biografia* – esse «documento histórico que não é», essa «biografia particular [...] Não uma auto-biografia», e que de certa forma antecipa ideias e conceitos contemporâneos. Finalmente, Annabela RITA, com o texto *Régio: inscrições*: a partir de alguns textos representativos e de diferente genologia de José Régio, a Autora reflete sobre o modo como a autorrepresentação autoral vai entretecendo as componentes (auto)biográfica, filosófica, nacional e estética. Nesse sentido, aborda o modo como o sujeito poético se tende a projetar em imagens *fusionais* que se manifestam no diálogo das Artes e das Letras, convocando a memória coletiva para nela se inscrever *autoralmente*, articulando tradição e inovação, ética e estética, nacional e individual, vida e morte, liberdade e fatalidade.

Assim se configura um livro que é, acima de tudo, de homenagem e consagração, com todo o sinal positivo que sobre esse ato, também, impende; assim se conforma um conjunto de textos de um grupo de professores e investigadores que acabam, em primeira e última instâncias, por variavelmente contribuir

José Régio: cântico sem tempo

para a sagração, em polifónico “cântico acadêmico”, de um dos maiores escritores do século XX português.

Dionísio Vila Maior
Coimbra